

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA

Novos diálogos e abordagens

Natália Pereira Gomes¹

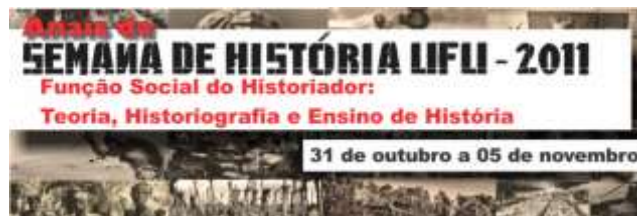
Resumo: O diálogo entre história e música é um campo ainda pouco explorado pelos professores de História. O uso de novas fontes no ensino de História propicia uma nova abordagem da disciplina dentro da sala de aula. Nesta perspectiva a música detém papel relevante, uma vez que representa um documento histórico e estimula reflexões sobre a sociedade, despertando no aluno o interesse e a curiosidade acerca do tema abordado, e por meio desta fonte o educando construirá suas próprias críticas e argumentações. O objetivo da presente análise é problematizar o uso da música como recurso didático em sala de aula, a partir de algumas interpretações da música *Pra não dizer que não falei das flores* sob a mesma perspectiva de desenvolver o senso crítico dos alunos dentro da disciplina de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Música. Sociedade.

Introdução

O universo dos historiadores no século XX sofreu uma expansão, como diria Peter Burke, vertiginosa (BURKE,1992). Com os estudos provenientes dos Annales franceses, à historiografia foram incorporados *novos temas e novos problemas*, novos personagens foram chamados ao palco da história e houve uma profunda incorporação de temas que outrora eram marginalizados. Todavia, a mais profunda mudança ocorreu no que diz respeito ao tratamento metodológico dado às fontes, pois a noção positivista de que o documento “fala por si só” veio a chão. Assim, podemos perceber um grande alargamento da noção de “documento”, isto é, enquanto os diversos positivismos pregavam um apego arraigado a documentos oficiais, a fontes seguramente “confiáveis” e a testemunhos que fossem realmente válidos, buscando assim reafirmar sua postura cientificista, a história dos Annales se empenha muito mais em

¹ Aluna do curso de graduação de História da Universidade Federal de Uberlândia.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

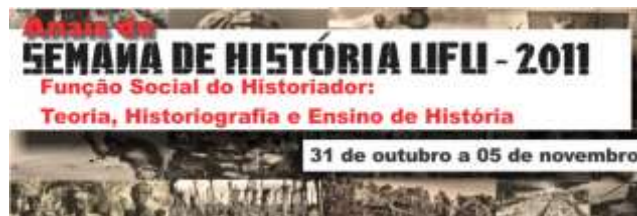
trabalhar com documentos das mais diversas espécies, visto que todos estes são vestígios de atividade humana.

Neste sentido, a história atualmente está completamente imbuída desses novos valores, desses novos temas e novos problemas. É prolixo e crescente o número de trabalhos que usam fontes diversas, fontes que vão desde pintura à história oral, trabalhos que abordam cada vez mais a noção de subjetividade contida na fonte do que a objetividade inexorável do documento.

No entanto, a quantas anda a discussão acerca dos procedimentos adotados quando se usa destas fontes? Quais os problemas enfrentados pelos historiadores ao trabalhar com, por exemplo, música? As respostas devem ser encontradas quando se usa como pressuposto o fato de na historiografia atual é a *práxis* que prevalece sobre a teoria, e não ao contrário.

Quaisquer que sejam as fontes usadas pelo historiador, elas sempre exigirão dele um trabalho de crítica e reflexão. Crítica porque não se deve tomar uma fonte como algo pronto e acabado, como algo objetivo e isento de subjetividade, mas sim como algo produzido por alguém e para alguém, é válido sempre lembrar que não existe fontes/documento sem intencionalidade, não há autor sem leitor. Acerca da crítica da fonte, o historiador deve também fazer um grande trabalho de reflexão, pois os caminhos metodológicos e os pressupostos que ele escolher podem mudar completamente os rumos de sua pesquisa. Deste modo, temos grandes reflexões que podem nos auxiliar no trato às fontes orais, à música, ao cinema e tantas outras fontes que nos surjam pelo caminho, temos orientações de erros e acertos já cometidos, temos possibilidade de expandir cada vez mais nossas pesquisas e a história, incorporando à ela novos personagens, novos debates e novos problemas. O trabalho com as novas fontes cobra também do historiador um esforço de comunicação cada vez maior com outras disciplinas, pois ao trabalhar com novas formas de linguagem ele deve estar preparado para aprender um pouco com lingüistas e estudiosos da semiótica.

Mas dessas novas fontes uma das mais elucidativas é a música, devido principalmente ao seu caráter tão comum, tão abrangente. Inúmeros estudos que têm como fonte a música emergem de todos os lados, trabalhos que visam dar novas perspectivas e novos enfoques a questões, trabalhos que dão certamente outros ângulos de eventos e fatos. A música é um produto da sociedade, é fruto de trabalho de alguém, carrega uma mensagem e fala, ainda que indiretamente, de seu tempo. Grandes compositores compõem suas metáforas, seus versos e



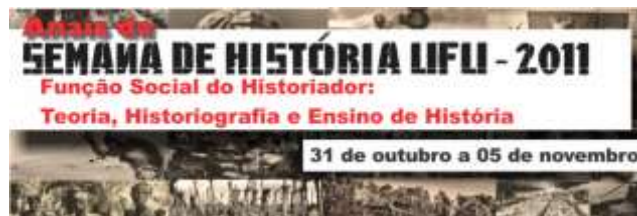
V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

suas rimas inspirados em temas seus, em problemas de seu tempo, a partir de perspectivas e questões que são inerentes da sociedade em que vivem. Enfim, todos são cientes de que não *existe testemunha sem memória*, todos os homens são homens de seu tempo e estão imbuídos dele, são seres que deixam as mais indelévels marcas, cabe ao pesquisador buscar suporte e meios de investigar essas marcas, mesmo que elas sejam as mais sutis possíveis. Enfim, como nos diria M. A. Schmidt “(...) a forma pela qual se produz o conhecimento histórico hoje não é a mesma dos historiadores do século XIX e que, portanto, a forma de ensinar história não será a mesma também.” (SCHIMIDT e GARCIA, 2005:305)

A intenção deste trabalho é lidar com a música como recurso didático do ensino de história usando a mesma para problematizar períodos históricos e temáticas, visto que se partirmos da perspectiva de que elas são indícios dos homens que viveram e experimentaram essas condições, elas podem nos auxiliar a compreender a dimensão da sociedade brasileira. A utilização das músicas em questão se dará por meio crítico e analítico, pois cremos que elas não serão somente um meio ilustrativo, mas sim reflexivo. Nossa intenção é estudá-las afim de que possam servir de instrumento didático e de conhecimento histórico, buscando deste modo novas formas de trabalhar história em sala de aula e dar aos alunos novas perspectivas e visões dos acontecimentos.

A música enquanto recurso didático

Segundo Marcos Napolitano em seu livro “*História & Música*” a música ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Sendo assim, a música reflete os nossos dilemas nacionais e é veículo de utopias sociais. Ela é uma linguagem que se relaciona com as experiências humanas, ela está vinculada a um repertório cultural e individual fazendo uma ponte entre uma realidade aparente e uma inconsciente que diz respeito a própria subjetividade de quem a compõe. Desse modo podemos considerar que a música é boa não apenas para ouvir, mas também para pensar, pois ela diz muito do contexto em que se encontra.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

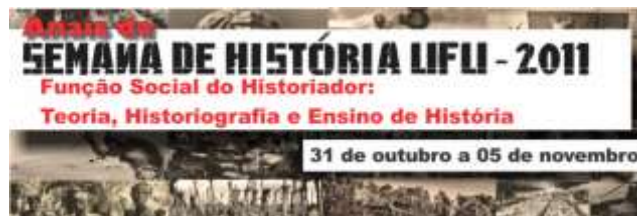
Fazer a análise de uma música requer muito cuidado, pois há vários aspectos a se considerar. Eventualmente são cometidos alguns vícios por aqueles que se propõem a fazer tal análise, fragmentando um objeto de estudo tão sociológico e culturalmente complexo. Dessa forma, analisam “a letra separada da música, contexto separado da obra, o autor separado da sociedade, estética separada da ideologia” (NAPOLITANO, 2002:26) Este fato faz com que a música perca alguns de seus aspectos mais importantes para uma melhor compreensão do que se pretende estudar.

A música tem lugar muito importante na produção cultural. Desse modo os professores ao trabalharem com uma canção na sala de aula devem-se atentar a todo o conjunto, algo não muito fácil de fazer. Caso isso não ocorra pode-se reduzir a própria importância do documento. Análises deste caráter podem deturpar a natureza polissêmica e complexa da obra. Desse modo, é importante que o professor considere a estrutura geral da música a ser trabalhada.

A abordagem da análise deve levar em consideração o que Marcos Napolitano chama de “dupla natureza da canção”, ou seja, a musical e a verbal. Ainda acerca da análise musical devemos também ressaltar a importância de se localizar o veículo no qual a música foi divulgada tendo em vista mapear os diversos espaços sociais e culturais em que a mesma se realizou sendo também importante neste âmbito de estudo.

Outro vício que ocorre quando se trata da análise de uma obra musical é a idéia de que alguns períodos são mais importantes do que outros dentro do aspecto da produção musical. Podemos usar como exemplo a década de 1960 no Brasil quando houve grande movimentação neste sentido, sendo considerado como uma das épocas mais produtivas especialmente quando se trata de analisar os aspectos sociais embutidos nestas canções, entretanto devemos considerar que a música se apresenta de diferentes formas e podemos trabalhar com a mesma em qualquer período contando que se atente a explorar todos os elementos já citados. Sendo assim, uma canção contemporânea pode sim ser usada, pois ela retrata aspectos da sociedade em que se contextualiza.

Segundo Maria de Lourdes Sekeff, a música enquanto recurso didático se caracteriza por quatro funções essenciais:



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

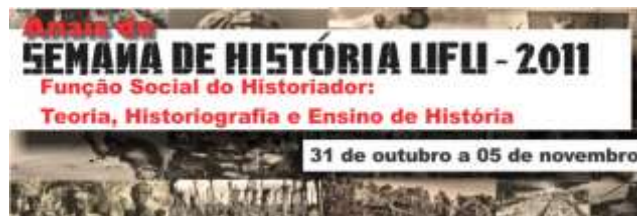
A função cognitiva (que se estende ao desenvolvimento e à educação dos sentimentos) tem por premissa permitir ao educando o conhecimento de seus sentimentos de forma direta, total e global, garantindo-lhe a possibilidade de contemplá-los e entendê-los sem a mediação de conceitos, de exprimi-los em formas simbólicas, e de captar “os meandros dos sentimentos da comunidade humana”. A função reflexiva tem o sentido de ampliar a compreensão do mundo. E aí observamos que a percepção estética tem muito que ver com a chamada percepção sincrética, apreensão do discurso como um todo, percepção global das formas expressivas. A função extensiva diz respeito ao fato de a linguagem musical favorecer” o acesso dos sentimentos a situações distantes do nosso cotidiano, forjando em nós as bases para compreendê-los, e a expressiva salienta o caráter de metáfora epistemológica, remetendo sempre a determinada cultura, época, ideologia. Essas diferentes funções, isoladas e/ou combinadas, caracterizam-se sempre como possibilidades educacionais. (ZAMPRONHA, 2007:138-139)

Utilizar a música como documento em sala de aula requer muito cuidado e preparação do professor que deve ter conhecimento do objeto que se propõe a apresentar aos alunos. O interessante de se trabalhar com outras fontes, especificamente com a música, é que ela proporciona uma ampliação ao campo de visão tanto dos alunos como do próprio professor. Ao utilizar a música o professor deixa de estabelecer um “monólogo” tornando o ensino de certa forma mais prazeroso já que a própria música tem seu caráter lúdico.

Repensando o ensino de História

A criatividade na sala de aula compreende toda a prática utilizando de recursos da indústria cultural como a música, o cinema, os jornais e revistas, para que facilitem o processo do ensino-aprendizagem da disciplina de História aos alunos de 1º e 2º graus. O ensino através dos meios de comunicação torna mais claro o entendimento da sociedade e suas transformações, cabendo ao professor orientar seus alunos sobre esses meios de forma crítica e criativa. Ele deve estar atento também para as transformações de suas práticas pedagógicas e suas concepções teóricas.

De acordo com novas historiografias a respeito do ensino, interpretação e percepção da realidade histórica do cotidiano e de sujeitos históricos que não são divulgados na história oficial, acreditam na possibilidade de uma aproximação da realidade dos alunos e a mídia que se faz presente aos mesmos em qualquer circunstância, seja nas canções que tocam no rádio, o



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

telejornal, o cinema mesmo na hora da diversão, são fatores presentes no cotidiano que contribuem para a construção do conhecimento dos mesmos.

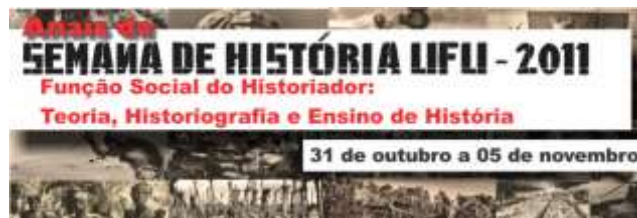
Ao utilizar recursos industriais associado à prática pedagógica o professor deve ser atento a comunicação com seu aluno, fazer com que estes despertem o interesse e curiosidade sobre o tema abordado, construindo suas próprias críticas e argumentações coerentes a temática, é necessário então que o receptor das informações reestruture as informações que estão sendo lançadas e confrontá-las com a realidade presente.

A indústria cultural é o mecanismo que transmite com maior rapidez mensagens a uma grande quantidade de pessoas. Os recursos utilizados como facilitador do processo de aprendizagem tem que se adequar a cada período histórico, atendendo as necessidades e as características dos alunos. Os recursos audiovisuais, por exemplo, possibilitam ao aluno perceber as informações que estão sendo recebidas e correlacioná-las com o conteúdo apreendido. Esses meios estimulam a criatividade do aluno que ao pesquisarem e refletirem compreenda a temática abordada e aprendam de forma estimulante e espontânea, construindo uma reflexão sobre a sociedade pensando por si mesmos.

Ao analisar a música na década de 60, é fundamental que algumas medidas sejam avaliadas, como ela é uma obra de arte e possui um conteúdo ideológico muitas vezes dominante, ao trabalhar com essa canção como documento o professor deve contextualizar a época em que ela foi escrita, analisar e questionar o tempo abordado com o momento atual, analisar a letra, sua poesia, melodia e harmonia, interpretar as informações explícitas ou não e problematizá-la como projeto artístico.

Ao analisar a sociedade e a música no período da ditadura militar brasileira, partimos do princípio da arte como manifestação cultural em meio a crise política, observando que nesse período, o movimento musical é intensificado com a chamada Era dos Festivais. As canções de protesto exibidas nos festivais da Rede Record adquirem grande importância, ocupando o papel de contestadoras da sociedade.

De um lado, tem-se aqueles artistas que buscam um afrontamento direto ao regime, questionando e criticando a realidade da sociedade. De outro, encontram-se os que usam os recursos da linguagem para esconder suas mensagens nas canções. Os primeiros são duramente reprimidos pela censura, os segundos, muitas vezes, são reprimidos pela censura e pelo povo. Nesse contexto, citamos dois grandes compositores, ícones na época e causadores



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

de grande polêmica: o artesão da linguagem Chico Buarque de Holanda, e o poeta popular, Geraldo Vandré.

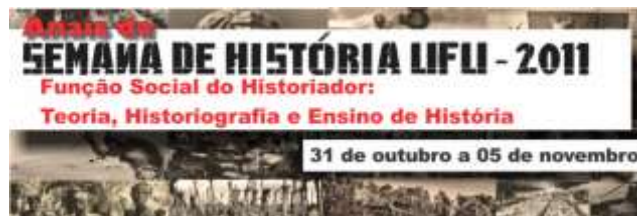
A canção segundo Adalberto Paranhos “*não carrega em si mesma, um sentido unívoco, congelado no tempo, que exprima a sua essência. Pelo contrário, uma canção, historicamente situada, comporta significados errantes, submetendo-se a um fluxo permanente de apropriação e reapropriação de sentidos*” (PARANHOS, 2004: 24). *Pra não dizer que não falei das flores* é um exemplo como diria Paranhos de “camaleão sonoro”, devido a incorporação de sentidos e as apropriações presentes na mesma durante os últimos 40 anos. .

Originalmente a gravação foi feita na década de 60 e tinha como contexto histórico a ditadura militar brasileira. A canção é simples e objetiva, representa o protesto e o descontentamento popular com o regime, transmite mensagens de esperança e conquistas através da luta.

Em um segundo momento ela adquire uma importância significativa juntamente com artistas populares para que houvesse mobilização da população pelas eleições diretas para a presidência da República em 1984, essa canção retorna ao cenário político como um hino de protesto, podendo ser considerada uma convocação à mobilização popular e à luta política.

Outro período marcante em que fora utilizada se constitui no movimento dos carapintadas que a reapropriou como hino as questões que defendiam. Um quarto momento e este mais contemporâneo é a utilização da mesma canção pelo Governo Federal nas campanhas do ProUni (Programa Universidade para Todos) e por último uma das principais diretrizes de reflexão é a sua regravação pela banda pop/ rock atual Charlie Brown Junior.

Desse modo, estas regravações nos propiciam utilizar tal música na prática de ensino tendo como principal eixo a relação passado/presente que será passada aos alunos visando que este consiga estabelecer sua própria interpretação. A regravação do grupo Charlie Brown Júnior teria então papel importante de assimilação do conhecimento histórico, como se trata de uma banda contemporânea e que tem a apreciação dos jovens, é relevante para que os alunos consigam perceber como a mesma canção da década de 60 pode ser relacionada com vários momentos históricos e com a realidade atual, deste modo o educando iria se situar enquanto sujeito histórico, tirando o caráter da História como passado pronto e acabado. Uma vez que tratamos de temas atuais na sala de aula se abre o debate, fato que propicia ao



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

discente perceber sua realidade favorecendo então que este construa a sua própria interpretação acerca de sua posição no mundo. A partir do momento em que ele perceber os aspectos sociais da fonte fica mais fácil a compreensão e a importância da mesma.

Ao trabalhar com a mesma música, entretanto visando a década de 60 é essencial estabelecer um debate acerca do que a letra representaria no período citado, durante o contexto histórico de ditadura militar que ela se apresenta. A partir deste método a importância do próprio contexto na interpretação e das ideologias por trás de uma obra se faria visível. Tendo isto em mente o aluno poderá se situar diante das outras apropriações que esta mesma música teve em diferentes momentos como o movimento dos caras pintados, sendo estes um grupo de estudantes que pintaram suas faces e foram as ruas para exigir o impeachment de Fernando Collor da Presidência da República. Nesse contexto *Pra não dizer que não falei das flores* apresenta significado diferente daquele da ditadura militar e é importante que o aluno perceba isto. Outro momento importante, já antes aqui citado, é também a sua utilização na campanha do ProUni, como se trata de uma música que fora veiculada até então como forma de protesto, esta apropriação da canção para fins ideológicos vinculados ao governo parece adequada para ser apresentada em sala de aula. Isto por que os alunos poderiam então perceber as intenções de um documento e as ideologias por trás do mesmo, de acordo com suas múltiplas interpretações.

Estas relações estabelecidas com música favorece ao aluno um diálogo com a sua própria realidade, uma vez que o intuito do trabalho é fazer com que o discente consiga uma certa autonomia para construir sua interpretação do presente vivido correlacionando ao passado, tornando-se então mais crítico. O objetivo do trabalho é fazer com que o aluno perceba a si mesmo como sujeito histórico e construa o seu conhecimento a partir da mediação do professor, este deve estar atento para não tentar transmitir através da música ou outro tipo de documento, como o livro didático, a verdade absoluta sobre algum acontecimento, é preciso observar as diferentes interpretações e as diversidades de fontes que existem.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Referências bibliográficas:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CONTIER, Arnaldo Daraya. *Música e ideologia no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Novas Metas, 1985.

HOBSBAWM, Eric J. *História social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NAPOLITANO Marcos. *História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

PARANHOS, Adalberto. “A musica popular e a dança dos sentidos: distintas faces do mesmo”. *ArtCultura*, nº 9. Uberlândia: Edufu, jul.-dez./2004.

SCHMIDT, M.A. e GARCIA T. M. F. B. “A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aula de História”. *Cadernos Cedes*. Campinas, v. 25, n. 67, set./dez. 2005. Ensino de História: Novos.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. *Da música, seus usos e seus recursos*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.